

A colonialidade na cultura e imagem da cidade de Curitiba – PR

La colonialidad en la cultura e imagen de la ciudad de Curitiba – PR

Sessão Temática: Patrimônio e Memória

MIRANDA, Isabela Borghetti; Mestranda em Planejamento e Gestão do Território; UFABC
isabela.miranda@ufabc.edu.br

Resumo

A partir da análise da Linha Turismo e do Carnaval de Curitiba, este artigo expõe o agenciamento de culturas europeias, em detrimento à cultura negra, no planejamento urbano da capital paranaense. Uma vez que os territórios sempre carregam em si dimensões simbólicas e culturais, busca-se ilustrar a discriminação racial e a colonialidade presente em décadas de planejamento da "Capital de Primeiro Mundo". Em contraposição ao *modus operandi* das gestões municipais, apresentam-se duas iniciativas populares presentes no município: o Bloco Afro Pretinhosidade e a Linha Preta.

Palavras-chave (3 palavras): planejamento urbano, turismo, cultura.

Abstract

Based on the analysis of the Tourism Bus Line and the Carnival of Curitiba, this article exposes the dissemination of European cultures, to the detriment of black culture, in the urban planning of the capital of Paraná. Since territories always carry symbolic and cultural dimensions, it seeks to illustrate the racial discrimination and coloniality present in decades of planning for the "First World Capital". In contrast to the *modus operandi* of municipal administrations, two popular initiatives present in the municipality are presented: the Bloco Afro Pretinhosidade and the Linha Preta.

Keywords: urban planning, tourism, culture.

1. Introdução

As práticas de planejamento urbano não são neutras, mas concebidas em um contexto econômico, político e cultural, conforme apontado por Vainer (2014). O autor também traz que, desde que o continente americano passou a ser parte da História Europeia, nossos territórios passaram a ser concebidos a partir dos modelos de lá importados.

A origem da discriminação racial remonta à passagem do século XV para o XVI, no processo de formação do continente americano e do capitalismo, pautada na ideia de raça, o mais eficiente instrumento de dominação social dos últimos quinhentos anos, de acordo com Quijano (2007).

Além disso, não é possível desassociar a discriminação racial da segregação espacial. Segundo Haesbaert (2018), o território sempre envolve uma dimensão simbólica e cultural, atribuída pelos grupos sociais como forma de apropriação, mas também envolve uma dimensão político-disciplinar, configurando uma forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos.

Thomas (1994) pontua que, desde a década de 1970, as mudanças mais perceptíveis nas comunidades negras nas metrópoles dizem respeito à maior segregação e estagnação social e econômica e que, infelizmente, o problema não está somente nos diferentes efeitos que o planejamento gera nas diferentes raças, mas que os planejadores reforçam o quadro de discriminação racial por meio das políticas públicas aplicadas.

Ao considerar o exposto por Achille Mbembe (2018), de que no intuito de reforçar a discriminação - ao mesmo tempo em que a camufla - a cultura e a religião são mobilizadas para assumir o papel da biologia, em conjunto às outras referências citadas, é evidente a persistente colonialidade no planejamento de Curitiba, principalmente no que tange à imagem da cidade e às manifestações culturais agenciadas pelas gestões municipais.

Conforme colocado por Larisse Oliveira (2021), ocorre a disseminação de uma ideia de uma "Curitiba branca", inviabilizando o negro na sociedade, propagando somente a ideia eurocêntrica da capital curitibana. A autora ainda retoma os escritos de Moraes e Souza, que colocam que houve um processo de invenção de tradições e do próprio passado, afirmando que "não é que o negro não seja visto, mas sim que ele é visto como não existente".

Oliveira (2021) também afirma que a cultura negra não é disseminada da mesma forma que as demais na cidade, então, a fim de ilustrar essas circunstâncias, são apresentadas a seguir, sucintamente, algumas referências sobre o turismo e o Carnaval na capital paranaense e algumas práticas contemporâneas que vão de encontro a esse *modus operandi* da gestão municipal.

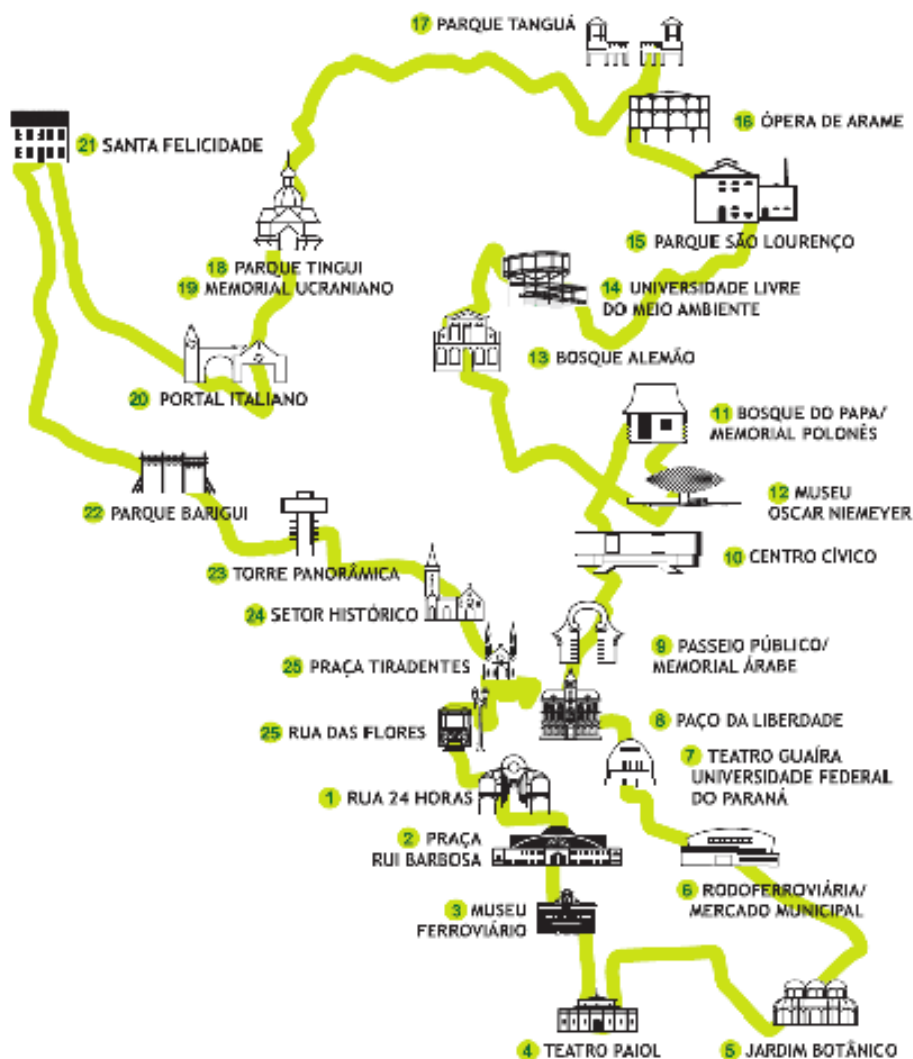
2. Linha Turismo

Cidade modelo, capital ecológica, capital de Primeiro Mundo são alguns dos termos que compõem a imagem da cidade de Curitiba, a nível local e, até mesmo, internacional, de acordo com Garcia (1994). A política que colocou Curitiba como uma cidade modelo gerou, também, uma visão homogênea da cidade, pautada pela idealização de uma “cidade europeia”, visão coroada em 1994 com a criação da Linha Turismo – efeito e recurso de tais imagens da cidade (SAVOIA; COELHO; LIMA, 2019).

Atualmente, a Linha Turismo percorre aproximadamente 48km, passando por 26 pontos turísticos. Como pode-se perceber na Figura 1, alguns desses pontos são referentes à cultura europeia, sendo eles o Portal Italiano, o Memorial Ucrâniano, o Bosque Alemão e o Memorial Polonês (URBS, 2022).

Entretanto, deve-se citar ainda que essa imagem de “cidade de primeiro mundo” buscou ser reforçada na construção de outros três pontos turísticos do início da década de 1990 – período correspondente ao terceiro mandato do arquiteto e urbanista Jaime Lerner e primeiro mandato do atual prefeito Rafael Greca: a Rua 24 Horas, galeria que “relembra as galerias francesas do século XIX”; a Ópera de Arame, “uma reinterpretação das edificações clássicas como a Ópera de Paris”; e o Jardim Botânico, que “remete aos antigos palácios de cristal ingleses” (GARCIA, 1994).

Figura 1: Mapa da Linha Turismo de Curitiba.



Fonte: URBS.

3. Carnaval curitibano

O carnaval, festa urbana por excelência, em qualquer de suas diversas formas de manifestações, abarca uma série de relações e conflitos da sociedade em que se manifesta. Ao ocupar o espaço público das cidades com fantasias, carros alegóricos e instrumentos musicais, expõe uma série de conflitos e diálogos promovidos por ele e que também o promovem. O espaço público pode ser pensado como a arena necessária para a realização, transmissão e a publicização de diferentes manifestações culturais, que trazem em seu bojo questões como cidadania, saberes populares e disputas políticas internas (BLUM, 2013).

O carnaval de Curitiba sempre foi alvo de comentários pejorativos. Dentre as afirmações mais decorrentes está a de que “Curitiba não tem carnaval”, afirma-se que, por causa da sua colonização, o curitibano não tem gingado e, devido ao seu perfil conservador e elitista, não gosta do carnaval, cujo caráter de festa genuinamente popular não se desenvolveu aqui, como em outras regiões do Brasil (FREITAS, 2004).

Diversos autores¹ atribuem o aparente fracasso do carnaval curitibano a ausência de características culturais negras na cidade. Caroline Blum (2013) traz em sua dissertação um trecho de entrevista com Glauco Souza Lobo, personalidade do carnaval curitibano e ligado a políticas voltadas a negritude no Paraná:

“Veja só, eu pego a história do carnaval, da cultura popular e da cultura negra e traço um paralelo com o povo negro (...) você tem uma política que quer branquear Curitiba e carnaval é coisa de negro, não adianta tirar disso (...) ao mesmo tempo que o povo negro sofre da autoestima da violência simbólica (...) que nega sua existência (...) do carnaval é a mesma coisa.”

Entretanto, essa ausência de características culturais negras deve-se ao agenciamento das gestões municipais no decorrer dos anos. Uma vez que as festas conferem ao poder político a sua legitimação, pois estabelecem como, quando, onde e o que deve ser celebrado, ritualizando a relação do povo com sua autoridade, o poder público sabe que festas e revoltas sempre estiveram associadas, então, impor limites a esse fenômeno é o meio mais fácil de controlar o coletivo (BEZERRA, 2008).

Baptista (2007) traz que em 1729, antes da emancipação política de São Paulo, os bailes de fandango eram proibidos, especialmente aqueles com a participação de escravizados – e tais bailes e o entrudo têm origens muito próximas. Em 1807 um Edital determinou que, para evitar os bailes nos quais costumavam entrar escravos, foi determinada a pena de cinquenta açoites no Pelourinho e trinta dias de cadeia, além de multa de seis mil réis aos que cedessem espaços para esse fim, conforme mostram os registros do “Livro dos 300 Anos da Câmara Municipal de Curitiba”.

De acordo com Blum (2013), a maioria dos dispositivos legais promulgados até o início do século XIX pela Câmara de Curitiba, era voltada à conduta dos costumes. A autora afirma que tais “manuais”, além de refletirem certos preconceitos dos grupos dominantes, visavam uma aproximação dos hábitos da burguesia europeia. Nesse contexto, as danças regionais (incluindo o carnaval) receberam muita atenção das elites locais. A proibição se justificava por seu caráter lascivo e de “devassidão”.

Apesar das repressões, o carnaval de Curitiba resistia. O primeiro baile de máscaras, seguindo as tendências do carnaval do Rio de Janeiro (que, por sua vez, acompanhava os

¹ Freitas (2004), Blum (2013), Baptista (2007)

modismos franceses) ocorreu em 1854, e, a partir de então, praticamente todos os clubes da cidade começaram a realizar tais eventos. Além dos bailes nos salões dos clubes, os membros dessas sociedades organizavam desfiles de carros alegóricos pelo centro da cidade. Com o passar do tempo, se configuraram como blocos e, então, escolas de samba (VIACAVA, 2010).

Entretanto, a primeira Escola de Samba de Curitiba surgiu em 1945, na antiga Vila Tassi. Além de pioneira enquanto Escola de Samba, a Colorado foi a primeira a ser formada por elementos oriundos das camadas mais pobres da sociedade, uma Escola eminentemente popular que tinha, além dessa, outra característica que a diferenciava das demais agremiações carnavalescas de Curitiba: a sua batida, sendo vista a sua Bateria como a única que produzia uma batida semelhante à das escolas do Rio de Janeiro. (FREITAS, 2004)

Caroline Blum (2013) expõe que, por opção da própria comunidade do samba, na década de 80 a maioria dos Blocos se transformou em Escolas de Samba, devido ao desejo de se apresentarem no carnaval com um enredo, carros alegóricos e divisão de alas. A autora diz, ainda, que esse processo não foi exclusivo da capital paranaense e também pôde ser percebido no Rio de Janeiro, devido a influência dos processos de modernização e à política do Estado Novo.

Esse processo de “modernização” do carnaval, iniciado em 1952, acarretou na burocratização da festa; as regras impostas pela Prefeitura visavam regulamentar até a quantidade de instrumentos de sopro que as Escolas utilizariam em seus desfiles. Assim, o carnaval curitibano foi perdendo o ar da espontaneidade e acabou asfixiando, por exemplo, a Escola de Samba Colorado, que desfilou pela última vez em 2000 (FREITAS, 2004).

Em 1973, na primeira gestão do prefeito Jaime Lerner, foi criada a Fundação Cultural de Curitiba (FCC). A antropóloga Selma Baptista (2007) afirma que as políticas culturais do município, voltadas para a classe média, buscavam enquadrar as dinâmicas culturais na organização espacial intrínseca às políticas públicas e concepção da identidade da “cidade-modelo”. A autora afirma que:

“Na realidade, trata-se da busca de uma “adequação” entre o modelo vigente de agenciamento cultural, baseado em uma espécie de “curadoria” implícita, sempre mediada por alguma regra ou formalidade, e as demandas populares.”

O carnaval curitibano é, para a antropóloga, um exemplo dramático do cenário exposto, pois anualmente ocorrem embates entre a FCC e as Escolas de Samba, não sendo apenas referente a questão da verba - sempre pouca e demorada, mas também pelo seu “lugar” dentro da cidade. O problema do “lugar” do carnaval é percebido pelas mudanças do local

dos desfiles, da Rua XV de Novembro foi transferido para a Mal. Deodoro (a partir de 1972²), então para a Av. Cândido de Abreu (no ano de 1983 e entre 1990 e 2013), para a Rua João Negrão (em 1996) e de volta à Mal. Deodoro em 2014 (BLUM, 2013).

Devido às dificuldades institucionais para as Escolas de Samba desfilarem em Curitiba, e considerando a vontade da população de ter uma forma ativa de brincar o carnaval, novos blocos têm se estabelecido na capital paranaense. A respeito desses blocos, Rohden (2018) traz em sua reportagem a fala de André Daniel, integrante de um dos blocos independentes, que diz que: *“A gente vem de outra corrente que não quer passar por todas essas burocracias de alvará, pedidos de limpeza, policial, e bláblá - uma enrolação toda”*.

Garibaldis e Sacis (G&S), o primeiro desses novos blocos, surgiu em 1999. Se as Escolas de Samba buscam mostrar um espetáculo, o Garibaldis desde o início se propunha a ser “um bloco de merda”, como declarou um de seus fundadores, Itaércio Rocha, durante um desfile do bloco em 2012 (BLUM, 2010).

Além do crescimento do próprio Bloco G&S nas últimas décadas, percebe-se um aumento no número de blocos na cidade e, conseqüentemente, no número de foliões. A reportagem de Jessica Maes (2019) traz um trecho de entrevista com Marcel Cruz, cantor do Garibaldis:

“A gente desfaz essa falácia de que Curitiba não tem carnaval, prova que tem e sempre teve, e as pessoas vão ficando mais engajadas com a festa. Agora têm pelo menos mais dez blocos na cidade. Isso significa um trabalho que germinou e está dando frutos. A gente está muito feliz com esse movimento e quer que tenha muito mais blocos na cidade”.

Essa retomada carnavalesca nas ruas de Curitiba não passou despercebida pela gestão municipal. Com números recordes observados no carnaval de 2019, a Fundação Cultural de Curitiba lançou o Edital nº 006/2019, para o cadastramento dos blocos para o carnaval e pré-carnaval de rua de 2020. Além de definir um número máximo de 35 desfiles – com no máximo 1999 participantes cada – e limitar suas ocorrências às sextas, sábados e domingos, o edital definia dois circuitos em que os blocos poderiam desfilarem, restringindo ainda mais a pequena ocupação do espaço público que ocorre pelos foliões.

Apesar dessa nova tentativa de repressão do carnaval curitibano, o número de blocos, e desfiles organizados por esses, aumentou na capital paranaense entre 2019 e 2020. A partir da divulgação desses eventos nas redes sociais, foi possível quantificá-los e os resultados desse levantamento são apresentados no Quadro 1. Ressalta-se que foram consideradas

² Viacava (2010) traz que, além do crescimento do carnaval curitibano, outro fator que motivou a mudança para a Mal. Deodoro no ano de 1972 foi o projeto para a pedestrialização daquela que passou a ser chamada “Rua das Flores” que, quando concluído, não permitiu mais a passagem de automóveis.

para análise todas manifestações carnavalescas realizadas pelos blocos de rua entre dia 1º de janeiro e a quarta-feira de cinzas do ano em questão.

Quadro 1: Comparativo entre os carnavais de Curitiba de 2019 e 2020.

Carnaval curitibano	2019	2020	Varição (2019 – 2020)
Nº. de blocos	17	27	+59%
Nº. de eventos	51	64	+25%

Fonte: A autora.

3. Práticas insurgentes

3.1 Bloco Afro Pretinhosidade

Nessa retomada carnavalesca observada em Curitiba, deve-se citar o surgimento do Bloco Afro Pretinhosidade que, com sede na Vila Torres e composto por 95% de pretos e pretas, busca “inserir as reflexões sobre as questões raciais e valorizar a cultura da periferia, que muitas vezes é deixada de lado”, explica Angela Maria da Silva, coordenadora do Bloco, em entrevista para Ana Carolina Caldas (2019). Organizando desfiles na região central da cidade, mas também na comunidade de origem, atrai cidadãos para o local, gerando visibilidade para a Vila, que é, frequentemente, estigmatizada. Além disso, atua como vetor de ações sociais em prol da população local.

Figura 2: Bloco Afro Pretinhosidade em desfile na Vila Torres.



Fonte: Coletivo Fotofolia (2019).

Figura 3: Bloco Afro Pretinhosidade em desfile na Vila Torres.



Fonte: Coletivo Fotofolia (2019).

3.2 Linha Preta

Com o intuito de gerar visibilidade para os territórios negros em Curitiba, pode-se citar, também, a Linha Preta:

“um roteiro turístico que tem como objetivo principal valorizar e dar visibilidade à contribuição negra na construção física e social da capital paranaense, bem como apresentar referências históricas e culturais da sua existência e colaboração para a construção da nossa capital.” (LINHA PRETA, 2022)

O projeto foi concebido durante o II Congresso de Pesquisadores(as) Negros(as) da Região Sul, organizado pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFPR. Conforme pode ser observado na Figura 4, atualmente o roteiro contempla 21 pontos turísticos da cidade com alguma relação à cultura negra da cidade. Pode-se citar a Praça Santos Andrade, com um pequeno monumento em homenagem à “Colônia Afro-Brasileira”; a Sociedade Beneficente 13 de maio, clube fundado em 1888 por negros livres a fim de auxiliarem seus irmãos recém libertos; o Memorial de Curitiba, pelo painel com um infeliz retrato da população negra, retratada de forma estereotipada, reforçando ideias sobre a subalternidade do grupo e da hipersexualização do corpo da mulher negra. Cita-se, também, o Viaduto Cultural Capanema, local que abrigava os ensaios da Escola de Samba Colorado (OLIVEIRA, 2021).

Figura 4: Pontos turísticos do roteiro Linha Preta.



Fonte: Linha Preta (2022).

4. Considerações Finais

É evidente o agenciamento da cultura europeia na cidade de Curitiba, ainda que 200 anos após a proclamação da independência do Brasil. Percebe-se, também, uma segregação racial pautada no apagamento da história e cultura da população negra na cidade. A compreensão de ambas situações é facilitada à luz de referências contemporâneas e decoloniais, como Achille Mbembe (2018) que, conforme exposto na introdução deste artigo, afirma que a cultura e a religião são mobilizadas, em substituição dos argumentos da Biologia, a fim de reforçar a discriminação racial ao mesmo tempo em que a camufla.

Apesar das constantes tentativas de repressão à cultura negra em Curitiba, suas manifestações resistem e buscam denunciar seu apagamento e esse agenciamento da cultura europeia praticado na capital paranaense.

Referências:

- BAPTISTA, Selma. **Carnaval curitibano: cidadania, cultura popular, etnicidade e políticas públicas de cultura**. Relatório de pós-doutorado, USP. São Paulo, 2005/2007.
- BEZERRA, A. C. A. **Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades**. *Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, n. 23, p. 7-18, jan./jun. 2008.
- BLUM, Caroline Glodes. **Carnaval curitibano: o "lugar" de uma festa popular na cidade**. 2013. 192 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/36861>>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- CALDAS, A. C. **Pretinhosidade resgata raiz popular do Carnaval em Curitiba**. 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefatopr.com.br/2019/01/31/pretinoshidade-resgata-raiz-popular-do-carnaval-em-curitiba>>. Acesso em: 29 ago. 2021.
- FREITAS, João C. **A Escola de Samba Colorado: a primeira escola de samba de Curitiba**. Monografia. Aperfeiçoamento/Especialização em História da Música Popular Brasileira. Faculdade de Artes do Paraná. Orientador: prof^o Dr^o Marcos Francisco Napolitano de Eugenio. Curitiba, 2004.
- GARCIA, Fernanda E. Sanchez. **Curitiba anos 90: cultura e política na produção de imagem da cidade**. In: XVIII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu – MG. 23 a 27 de novembro de 1994.
- HAESBAERT, Rogério. **De categoria de análise a categoria da prática: a multiplicidade do território numa perspectiva latino-americana**. In: Fridman, Fania; Gennari, Luciana Alem; Lencioni, Sandra (Orgs.). Políticas públicas e territórios: onze estudos latino-americanos. 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.
- LINHA PRETA. **Linha Preta Curitiba**, 2022. Disponível em: <<https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta/a-linha-preta>>. Acesso em: 20 de jan. 2022.
- MAES, Jessica. **Pré-carnaval em Curitiba: bloco Garibaldi e Sacis arrasta multidão há 20 anos**. Gazeta do Povo, Curitiba, 22 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/pre-carnaval-em-curitiba-bloco-garibaldi-e-sacis-arrasta-multidao-ha-20-anos-94h62vnle4uhywlz4g61wywuk/>>. Acesso em: 14 out. 2021.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- OLIVEIRA, Larisse. **Linha Preta: análise sobre o roteiro negro e a invisibilidade curitibana**. 1ª ed. Curitiba: Editorial Casa, 2021.
- QUIJANO, Aníbal. **O que é essa tal de raça?** In: SANTOS, Renato Emerson (Org). Diversidade, Espaço e Relações Étnico-Raciais: O Negro na Geografia do Brasil. Belo Horizonte: Guttenberg, 2007. pp.91-112.
- ROHDEN, Julia. **Pré-carnaval independente quebra estereótipos nas ruas de Curitiba**. Brasil de Fato. Curitiba, 02 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/02/02/pre-carnaval-independente-quebra-estereotipos-nas-ruas-de-curitiba-confira-a-agenda/>>. Acesso em: 20 out. 2021.
- ROLNIK, Raquel. **Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro**. In: SANTOS, Renato Emerson (Org). Diversidade, Espaço e Relações Étnico-Raciais: O Negro na Geografia do Brasil. Belo Horizonte: Guttenberg, 2007. pp.91-112.



SAVOIA, Sandro; COELHO, Ilanil; LIMA, Felipe. **Linha Turismo de Curitiba: políticas urbanas e imagens da cidade**. MÉTIS: história & cultura – v. 18, n. 35, p. 11-32, jan./jun. 2019. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/7795>>. Acesso em 28 de nov. 2021.

THOMAS, June Manning. **Planning history and the black urban experience: Linkages and contemporary implications**. Journal of Planning Education and Research 14 (1), 1-11, 1994.

URBS. URBS, 2022. **Linha Turismo**. Disponível em: < <https://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/transporte/linha-turismo>>. Acesso em 28 de jan. 2022.

VAINER C. 2014. **Disseminating ‘best practice’? The coloniality of urban knowledge and city models**. In: Parneil S, Oldfield S, editors. The Routledge Handbook on Cities of the Global South. Oxon, New York: Routledge, p. 48-56.

VIACAVA, Vanessa Maria Rodrigues. **Samba quente, asfalto frio: uma etnografia entre as escolas de samba de Curitiba**. 2010. 205 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/25512>>. Acesso em: 20 nov. 2021.